

Fundadores: Anibal de Moraes, Manuel Vaz de Miranda e Dr. José Arroio

Redacção, Administração e Oficinas
 AVENIDA DOS ALIADOS, 144, 148.
 Telefones:

P. B. X. — 7313 - 7314 - 7315. Estado, 16.
 Filial em Lisboa:

Rua da Misericórdia, 17-1.º andar,
 Telefone: 22 269. Estado, 325

Endereço telegráfico: NOTÍCIAS — Pôrto.

Editor: CARLOS ROCHA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DIVAGAÇÕES sôbre a guerra

Na consciência ingénua dos simples, a guerra tem feito nascer a angustiada pergunta: — porque é que os homens se batem?

A filosofia antiga ensinava que o homem é lobo do homem. E o bom senso popular acreditou, pelo que ia observando, que de facto era assim.

Mas, um dia, Rousseau ensinou aos humildes e aos sábios que o homem era essencialmente bom. E como era mais agradável acreditar que ele fosse bom, convenceram-se os homens de que, de facto, eram bons. Não haveria mais lugar para lutas. As disputas accidentais que o jogo dos interesses particulares ia provocando eram afinal uma escala necessária para a definitiva harmonia dos interesses de todos. Os homens, que a natureza fizera bons, deveriam tratar-se fraternalmente, em plena liberdade e no mais rigoroso pé de igualdade.

Igualdade! Liberdade! Fraternidade! Mas afinal verifica-se que século e meio de igualdade doutrinária gerou a mais odiosa distinção de raças, de sangue e de classe. A liberdade apregoada tantas dezenas de anos, redundou na opressão dos fracos e no domínio dos fortes. A fraternidade desentranhou-se em aviões, em metralhadoras, em submarinos que semeiam a destruição e a morte pelo mundo inteiro.

E a alma ingénua dos simples começa a interrogar-se a si mesma: — afinal o homem é bom ou é mau?

Se é bom, como nos ensinaram, porque se bate com tanto ódio? Se é mau, para que nos iludiram por mais tempo, acreditando na possibilidade de um entendimento entre esta raça maldita?

E os simples meditam... O homem parece mau de facto quando mata sem dó mulheres e crianças, velhos e doentes, e os seus semelhantes que nunca lhe fizeram mal nenhum. Mas logo parece bom quando, reparando no mar de sangue e de lágrimas que deixa atrás de si, pretende cobrir a sua própria obra destruidora, justificando precisamente que se bate para que o futuro dos homens seja uma aurora perene de felicidade e de paz, num mundo novo em que a guerra entre povos ou classes ou raças não volte a ser possível.

E poderá então o homem ser bom e mau conjuntamente? Terá em si mesmo inclinação para o bem e para o mal e fará um ou outro conforme as circunstâncias o arrastam para um lado ou para o outro?

Não queremos discutir com a alma simples dos humildes o problema da bondade ou da maldade natural do homem. Ela sabe que há homens maus, como há homens bons. Ela sabe que há homens que foram maus e se fizeram bons, como há homens bons que se corromperam e se tornaram maus. E ela sabe também que para fazer o bem é necessário um esforço e, muitas vezes, um tal sacrificio que muitos se contentam com ter pena de não serem melhores.

O problema que nos interessa é outro. Se os homens podem ser bons, porque motivo havemos de consentir que não melhorem? E se homens se podem tornar maus, para que havemos de deixar que os façam piores do que são?

Quando, na verdura dos meus anos, fui lançado na vida, alguém, que eu muito estimava, respondeu ao meu entusiasmo otimista esta palavra que me ia fazendo muito mal: «não tentas endireitar o mundo; vê que ele te não entorte a ti». Afinal, se todos os que pensam endireitar o mundo se unissem no mesmo anseio, e concertassem os seus esforços, o mundo endireitar-se-ia!

Um exemplo entre muitos: o cinema e o jornal.

Se o cinema criasse no espírito dos assistentes simpatia pelas personagens que praticam actos de bondade e de virtude, muitos sairiam

ABEL VARZIM
 ENVOLVIMENTO
 DARIÉDADE

direitos
 dos.

das salas dos espectáculos decididos a imitar quem se tornou para eles simpático. Se os jornais, em vez de trazerem relatos de crimes e fotografias de criminosos, suggestionando assim para o mal os que são suggestionáveis, fizessem pormenorizados relatos, com fotografia, daquêles que praticam o bem e fazem actos de heroísmo e de valor, muitos seriam inclinados a imitá-los. Estes dois meios educativos, postos inteligentemente em prática, bastariam para tornar os homens melhores. E' que os homens, de facto, nem são essencialmente bons nem essencialmente maus. São melhores ou piores consoante a educação que tiveram e o ambiente de bondade ou de maldade em que vivem.

Os homens batem-se porque se lhes não deu educação de paz (não dessa paz que encobre destruição e ódio bolchevista), mas de paz sincera, fundada na justiça leal e no amor operoso. Os homens batem-se, porque, durante mais de dois séculos, se lhes foi amancando da cons-

ciencia a noção do bem e do mal. Para que não voltem a batem-se não chega que se faça uma educação social, moral, política do passado, e pegar no leite de suas mães — esse leite e reparti-lo às crianças — esse leite que ensina a praticar o bem e a amar o semelhante como próprios.

Eu creio que alguma coisa se pode fazer para ajudar a endireitar o mundo. Que aquêles que têm a mesma crença, unam os seus esforços e cumpram o seu dever social, e que o homem — Rei da criação — seja o único animal racional que deixa de ser a vergonha da criação e o mais preverso de todos os animais.

ABEL VARZIM